

EDUCAÇÃO LITERÁRIA NO ENSINO DE LÍNGUAS: UMA NOVA CIDADANIA EM FOCO

LITERARY EDUCATION IN LANGUAGES TEACHING: A NEW CITIZENSHIP IN FOCUS

Bruna Otani Ribeiro¹

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Universidade Federal da Integração Latino-Americana

Resumo: Considerando que, em diálogos e trocas de experiências com colegas docentes sobre suas respectivas práticas de ensino, é possível identificar a ausência do trabalho com textos literários em aulas de idiomas, este artigo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa de revisão bibliográfica que teve por objetivo estudar teóricos que defendem o caráter humanizador do texto literário e a relevância da educação literária, como Antonio Candido (2004, 2009), Guadalupe Jover (2007), Michèle Petit (2009), etc., para enfatizar a necessidade de a literatura estar presente no ensino de línguas. Com essa pesquisa foi possível concluir que o resultado do trabalho com textos literários em sala de aula, segundo esses teóricos, é a formação de leitores críticos e também mais humanos, preocupados com o próximo e com situações problemáticas existentes ao seu redor. Dessa forma, justifica-se a defesa da educação literária no ensino de línguas por ela ser capaz de promover, indiretamente, transformações sociais no meio em que leitores se encontram inseridos, o que, por sua vez, pode culminar na existência de uma nova cidadania, correspondente com sociedades mais justas e igualitárias.

Palavras-chave: educação literária; ensino de línguas; literatura; caráter humanizador; nova cidadania.

Abstract: Considering that, in dialogues and exchanges of experiences with fellow teachers on their respective teaching practices, it is possible to identify the absence of work with literary texts in language classes, this article was developed from a bibliographic review research that aimed to study theorists who defend the humanizing character of the literary text and the relevance of literary education, such as Antonio Candido (2004, 2009), Guadalupe Jover (2007), Michèle Petit (2009), etc., to emphasize the need for literature to be present in teaching languages. With this research it was possible to conclude that the result of working with literary texts in the classroom, according to these theorists, is the formation of critical and also more human readers, concerned with other people and with problematic situations around them. Thus, the defense of literary education in languages teaching is justified because it is capable of indirectly promoting social transformations in the environment in which readers are inserted, situation that, in turn, can culminate in the existence of a new citizenship, corresponding with more just and egalitarian societies.

Keywords: literary education; languages teaching; literature; humanizing character; new citizenship.

**Submetido em 02 de janeiro de 2021.
Aprovado em 03 de fevereiro de 2021.**

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Docente de Espanhol como Língua Adicional no Ciclo Comum de Estudos da UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana. bruna.ribeiro@unila.edu.br.

Introdução

A experiência pessoal construída a partir de relatos de docentes feitos em congressos, projetos de ensino, extensão e pesquisa mostra que é comum professores de línguas justificarem a dificuldade que têm de incorporar textos literários às aulas que ministram por causa de uma formação deficitária durante a graduação. Milreu (2018), por exemplo, ao refletir sobre o ensino de literaturas hispânicas na contemporaneidade, corrobora tal constatação apontando que um dos desafios para superar essa problemática é a construção dos currículos dos cursos de Letras indicando que “[...] não se trata de um acontecimento isolado, visto que, em muitas instituições de ensino superior, a literatura tem sido menosprezada na construção do currículo” (2018, p. 94).

Já nos casos em que as literaturas são contempladas por meio de disciplinas existentes na grade curricular, há também o indicativo de dificuldade existente na transposição didática dos conteúdos de literatura ensinados na graduação para a sala de aula, a qual ocorre, entre outras razões, pelo fato de os cursos de licenciatura em Letras priorizarem, não raras vezes, uma formação linguística e didática do futuro professor, mas negligenciarem a formação didática para o ensino de literatura. De acordo com Santos (2009, p. 2288), essa negligência pode ser atestada quando, por exemplo, professores indicam que “[...] em sua graduação, as disciplinas de língua e literatura eram ensinadas em separado e, por isso, não sabiam como inserir um texto literário nas aulas de língua”.

Ainda para Santos (2009), a frequência com que professores não utilizam textos literários nas aulas que ministram por causa de não terem recebido uma formação que lhes deixasse claro como fazê-lo, tanto na teoria como na prática, é uma questão alarmante, já que expõe o fato de que os modelos de cursos de Letras atuais podem estar formando excelentes pesquisadores de literatura, mas não formam tantos professores habilitados a mediar os conhecimentos de literatura aprendidos na universidade em sala de aula.

Jouini (2008) é outro pesquisador que também faz uma crítica à exclusão dos textos literários no ensino de línguas. Reprovando esse comportamento excludente por parte de muitos professores, ele afirma que “[...] dicha exclusión se debe esencialmente a la falsa creencia de la inutilidad o inadecuación del texto literario, debido a su complejidad lingüística, para la enseñanza-aprendizaje de una lengua extranjera.” (2008,

p. 123)². Santos (2009), ao tratar de um estudo por ela desenvolvido³, traz informações semelhantes às de Jouini (2008), contudo, vai um pouco além quando expõe que

[...] professores reportaram que não utilizavam o discurso literário por considerá-lo uma modalidade complexa, elaborada e de pouca incidência nos usos mais frequentes do sistema da língua, sendo assim, não encontravam espaço para o seu uso em sala de aula. Além do mais, afirmaram que a literatura não era o interesse básico do aluno, pois o que ele queria era aprender língua e não literatura; que os textos literários presentes nos materiais didáticos para o ensino de língua serviam apenas para ensinar cultura e deveriam estar presentes nas atividades sempre que houvesse a necessidade de introduzir questões culturais [...] (2009, p. 2288).

Como é possível verificar por meio do relato de experiência dos pesquisadores citados, a não utilização do texto literário nas aulas de línguas ocorre, por vezes, por conta de uma falsa crença de inutilidade ou inadequação da literatura para o ensino de idiomas. No entanto, há uma série de vantagens que o trabalho com a literatura pode proporcionar para o aprendizado e para a formação do aluno. Almansa Monguilot (1999), por exemplo, postula que [...] son muchas las razones que abogan por su utilización sistemática y muestran su rentabilidad como recurso didáctico y como **instrumento para la formación del individuo** (1999, p. 5, grifo nosso)⁴.

Pensando especificamente na questão do texto literário como possível influenciador na formação das pessoas é que são conduzidas as reflexões a seguir, de modo a atentar para o caráter humanizador que ele apresenta, pois a literatura, como matéria sensível, favorece a humanização, definida, na sequência, por Candido (2009, p. 249):

Entendo aqui por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

² Tradução nossa: “[...] esta exclusão se deve essencialmente à falsa crença da inutilidade o inadequação do texto literário, devido à sua complexidade linguística para o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira”.

³ Projeto de pesquisa desenvolvido de 2004 a 2006, subsidiado pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), intitulado “A inserção do discurso literário no processo de ensino e aprendizagem de espanhol como língua estrangeira”.

⁴ Tradução nossa: “[...] são muitas as razões que advogam por sua utilização sistemática e mostram sua rentabilidade como recurso didático e como instrumento para a formação do indivíduo”.

Além de defender o processo de humanização, Candido (2004) defende também que a literatura, ainda que de forma oral, sempre se fez presente em todas as civilizações, o que indica não apenas um desejo, mas sim uma real necessidade humana de fantasiar (ficcionalizar, devanear), a qual pode ser suprida enquanto se dorme pelo sonho e, enquanto se está acordado, por meio de manifestações artísticas diversas como literatura. Para Vargas Llosa (1990, p. 6)

[...] se trata de algo muy sencillo. Los hombres no están contentos con su suerte y casi todos —ricos o pobres, geniales o mediocres, célebres u oscuros— quisieran una vida distinta de la que viven. Para aplacar —tramposamente— ese apetito nacieron las ficciones. Ellas se escriben y se leen para que los seres humanos tengan las vidas que no se resignan a no tener. En el embrión de toda novela bulle una inconformidad, late un deseo.⁵

Se uma necessidade humana, quando satisfeita, proporciona uma sensação de bem-estar, com a necessidade de ficção e fantasia não seria diferente, pois quando atendida, ela contribui para um estado de satisfação do ser humano. Por essa razão, teóricos como Candido (2004) defendem que ter acesso à literatura e à arte de maneira geral deve ser considerado um direito humano, haja vista que se trata de algo indispensável a todas as sociedades, cuja ausência poderia ocasionar frustrações, uma vez que “[...] a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos” (CANDIDO, 2004, p. 174).

Por conta do poder formador e humanizador que a leitura da literatura apresenta, segundo Candido (2004), além de ter direito a satisfazer necessidades básicas como moradia, saúde, vestuário, alimentação, instrução, liberdade individual etc., deve o ser humano também ter direito ao lazer, à cultura, à leitura e, por extensão, à literatura, já que, de acordo com Jover (2007) ela pode contribuir para a existência de uma sociedade mais justa e solidária que a atual, tendo em vista a capacidade que possui de atuar na formação moral, cultural, estética e afetiva das pessoas. Nesse sentido, se todo e qualquer ser humano deve ter acesso à literatura, não há razão para textos literários não estarem presentes nas aulas durante o ensino de línguas. Estudantes, independentemente do nível de escolarização em que se encontrem, devem ter direito ao contato com a literatura.

⁵ Tradução nossa: “[...] se trata de algo muito simples. Os homens não estão contentes com sua sorte e quase todos – ricos ou pobres, geniais ou medíocres, célebres ou desconhecidos – quiseram uma vida diferente daquela que vivem. Para amenizar – de modo trapaceiro – essa appetite, nasceram as ficções. Elas se escrevem e se leem para que os seres humanos tenham as vidas que não se resignaram a não ter. No embrião de todo romance borbulha uma inconformidade, pulsa um desejo.

Se alguns docentes não utilizam o texto literário durante as aulas de línguas que ministram por acreditarem que ele é inapropriado ou demasiado complexo, estes privam os estudantes de um direito. Com o advento da tecnologia aliado ao surgimento e à expansão considerável de outros meios de suprir a necessidade humana de ficção e fantasia (séries, jogos, redes sociais, etc.), “[...] é a eventual diminuição da prática da leitura o que preocupa” (PETIT, 2009, p. 11), pois, de acordo com Petit (2009), muitas crianças, adolescentes e jovens nunca tiveram em casa o exemplo de familiares leitores de textos literários que incentivassem a prática da leitura da literatura, e, paradoxalmente, “[...] a leitura é uma arte que se transmite, mais do que se ensina, é o que demonstram vários estudos. Estes revelam que a transmissão no seio da família permanece a mais frequente” (PETIT, 2009, p. 11).

Se no ambiente formal de ensino alguns estudantes não tiverem contato com textos literários, o direito de acesso à literatura estaria de fato sendo negado a eles, pois, muitas vezes, no ambiente familiar, o hábito de ler literatura não é uma realidade. Petit (2009), ao relatar experiências de mediação cultural vividas na América Latina, indica que não apenas o acesso à literatura é negligenciado, mas também o acesso à informação, à cultura e ao conhecimento. Porém, ao ponderar especificamente sobre a literatura, defende que as pessoas devem se apropriar dela por razões diversas: “[...] porque quando aí se penetra, torna-se mais hábil no uso da língua; conquista-se uma inteligência mais sutil, mais crítica; e também torna-se mais capaz de explorar a experiência humana, atribuindo-lhe sentido e valor poéticos” (PETIT, 2009, p. 14).

Nesse sentido, se a partir da leitura do texto literário se desenvolve uma inteligência mais crítica, pode-se entender, segundo Jover (2007), que a educação literária funcionaria como um instrumento nivelador de desigualdades sociais, pois, portando uma inteligência crítica, as pessoas são capazes de refletir melhor sobre os problemas existentes na realidade em que estão inseridas para tentar solucioná-los, de modo a construir sociedades mais justas e igualitárias. Corroborando essa linha de raciocínio, Colomer (1996, p. 127) afirma que “La enseñanza de la literatura se ha revelado como uno de los puntos más sensibles a la relación entre expectativas educativas y cambios sociales”.⁶

⁶ Tradução nossa: “O ensino da literatura se revelou como um dos pontos mais sensíveis à relação entre expectativas educativas e mudanças sociais”.

Assim, considerando que muitas instituições de ensino deixaram de ser entendidas como projetos sociais e políticos e se tornaram, em muitos casos, em razão do sistema econômico capitalista predominante em quase todo o mundo, fábricas de mão de obra por vezes pouco qualificada, logo, mal remunerada, o que faz com que se acentuem as diferenças sociais, é possível defender, no atual contexto, a educação literária em todos os níveis de ensino, já que, indiretamente, pode contribuir para a redução de desigualdades sociais.

Para realizar a defesa da educação literária, faz-se importante entender de que forma ela pode efetivamente contribuir para: 1) o desenvolvimento de uma inteligência sutil e crítica; 2) a formação humana; e 3) a reconstrução pessoal frente a adversidades vividas. Portanto, este artigo está subdividido em três partes para melhor compreender como o trabalho com o texto literário em sala de aula pode, através do processo de humanização, transformar pessoas em seres humanos melhores a ponto de promoverem mudanças sociais relevantes para a construção de uma nova cidadania que corresponda a sociedades mais justas e igualitárias.

1. A literatura e o desenvolvimento da inteligência crítica

Além da já mencionada questão de professores que não trabalham com textos literários no ensino de línguas, sabe-se que, por muito tempo, a literatura foi, e por alguns docentes ainda segue sendo, utilizada nas aulas de línguas como recurso para o aprendizado do que se tinha como meta: o idioma estudado. Nessa perspectiva, o texto literário serve de mote para o ensino de algum conteúdo gramatical, para ampliar o léxico conhecido pelos estudantes, para se trabalhar a fonética e melhorar a pronúncia a partir de uma leitura em voz alta, ou simplesmente para que, em um momento posterior à leitura, o aluno venha a responder a uma série de perguntas de verificação de leitura.

Essa maneira de trabalhar com o texto literário, em que ele fica em segundo plano, servindo apenas como instrumento para que se atinja um alvo mais relevante, no caso, o aprendizado de uma língua, também traz conhecimentos ao estudante, no entanto, nota-se que a potencialidade da literatura é subaproveitada, uma vez que ela tem muito mais a aportar aos alunos. Textos literários podem contribuir não apenas para o aprendizado de gramática, para ampliar o léxico ou para melhorar a pronúncia da língua estudada, por exemplo, mas também para o desenvolvimento de uma inteligência

crítica, se abordados de forma não mecânica. Por essa razão, na sequência encontram-se ponderações feitas para compreender por que o texto literário deve ser trabalhado sem estar unicamente ligado ao ensino mecânico de uma língua.

O surgimento e a ampliação de recursos tecnológicos fizeram com que a necessidade de ficção e fantasia das pessoas fosse suprida não apenas pela leitura de livros, mas também por vídeos, telenovelas, filmes, séries, jogos, redes sociais, etc. Antes mesmo da expansão tecnológica existente na atualidade, a qual permite que as pessoas estejam conectadas à internet em tempo integral, Jover (2007, p. 49), há mais de uma década, já destacava que, “[...] tampoco el desarrollo del imaginario individual y colectivo depende como antaño de los textos literarios. Son el cine y la televisión los que hoy por hoy suministran los héroes y heroínas, argumentos, escenarios, valores, etc. que alimentan la imaginación de pequeños y grandes”⁷.

Nota-se que existe uma profusão de formas para que os seres humanos satisfaçam a necessidade de fantasiar, devanear. Nesse contexto, a literatura escrita perdeu espaço “[...] visto que o gosto pela leitura e a sua prática são, em grande medida, socialmente construídos” (PETIT, 2009, p. 11) e, na atualidade, as práticas que envolvem a satisfação da necessidade de ficção são socialmente construídas de modo mais direcionado aos recursos tecnológicos. Serviços de *streaming* que permitem assistir a filmes e séries sem comerciais como Netflix, Amazon Prime Video, Apple TV+ e Disney Plus, por exemplo, acumulam a cada dia mais assinantes.

Assim, sendo a necessidade de ficção e fantasia das pessoas satisfeita de inúmeras formas distintas através da tecnologia e tendo em vista o fato de que docentes de línguas devem, nas aulas ministradas, contemplar uma gama de gêneros textuais, os quais exigem diferentes estratégias de leitura e produção, faz-se importante entender por que educadores ainda devem insistir no trabalho com a literatura. Visto que “[...] el texto literario ha visto extraordinariamente achicado su espacio en la clase de lengua” (JOVER, 2007, p. 49)⁸ é importante entender que contribuições a literatura pode trazer quando abordada a partir de uma perspectiva crítica. Régis Debray (*apud* Jover 2007, p. 9) destaca que

⁷ Tradução nossa: “[...] tampouco o desenvolvimento do imaginário individual e coletivo depende, como no passado, de textos literários. São o cinema e a televisão os que hoje fornecem os heróis e heroínas, enredos, cenários, valores, etc. que alimentam a imaginação de pequenos e grandes”.

⁸ Tradução nossa: “[...] o texto literário viu extraordinariamente reduzido seu espaço na aula de língua”.

[...] de la misma manera en que hemos delegado en el coche la tarea de desplazarnos, o en la calculadora la de realizar operaciones aritméticas, así hemos acabado por delegar también la capacidad de formular nuestro pensamiento en los medios de comunicación. Si en las sociedades teocráticas ésta queda a cargo de los “catecismos”, y en los regímenes totalitarios a cargo de la propaganda, en nuestras sociedades capitalistas es la lengua de “los media” la que modela nuestras ideas y conforma nuestros usos lingüísticos.⁹

Seguindo essa linha de raciocínio, Jover (2007) defende que ainda é necessário insistir no trabalho com a literatura justamente por ela permitir a recuperação de sentido das palavras, as quais se encontram vazias devido à profusão de ruídos produzidos pelos meios de comunicação. Segundo a autora, “[...] necesitamos la literatura porque la lengua de prensa, radio y televisión, la lengua de los políticos y publicistas, ha acabado por vaciar de contenido algunas palabras esenciales” (JOVER, 2007, p. 49)¹⁰.

É perceptível, como aponta Jover (2007), que a mídia adultera o sentido de certos termos, “liberdade” pode se associar a um modelo de carro recém-lançado, “amor”, a um kit de produtos de beleza quando se aproxima o dia dos namorados e “natureza”, a um *resort* ecologicamente correto que nem por isso deixa de visar ao lucro. Enfim, a banalização do significado das palavras passou a ser uma constante nos meios de comunicação, por essa razão, a literatura pode contribuir para a devolução de sentido às palavras. De acordo com Jover (2007, p. 50)

[...] nada mejor que la poesía para devolvernos el sentido primigenio de las palabras, su sonido, su color, sus raíces, sus ecos. La poesía nos devuelve las palabras y su reverso: el silencio. En la poesía la palabra nombra por primera vez; despojada de sus contextos habituales, recupera sus precisos perfiles y se deshace de adherencias extrañas. En la poesía autor y lector vuelven a adueñarse de la palabra, de las palabras.¹¹

Por possibilitar a devolução de sentidos perdidos às palavras em razão de incessantes “barulhos” produzidos pelos meios de comunicação, entende-se que insistir no trabalho com o texto literário em sala de aula é relevante para toda a sociedade. Para

⁹ Tradução nossa: [...] da mesma maneira que delegamos ao carro a tarefa de deslocar-nos, ou à calculadora a de realizar operações aritméticas, assim acabamos por delegar também a capacidade de formular nosso pensamento aos meios de comunicação. Se nas sociedades teocráticas ela fica a cargo dos "catecismos" e nos regimes totalitários a cargo da propaganda, em nossas sociedades capitalistas é a língua da "mídia" a que molda nossas ideias e molda nossos usos linguísticos.

¹⁰ Tradução nossa: “[...] necesitamos da literatura porque a língua da imprensa, rádio e televisão, a língua dos políticos e publicitários, acabou por esvaziar de conteúdo algumas palavras essenciais”.

¹¹ Tradução nossa: [...] nada melhor que a poesia para nos devolver o sentido original das palavras, seu som, sua cor, suas raízes, seus ecos. A poesia nos devolve as palavras e seu inverso: o silêncio. Na poesia a palavra nomeia pela primeira vez; desapropriada de seus contextos habituais, recupera seus precisos perfis e se desfaz de aderências estranhas. Na poesia autor e leitor voltam a ser donos da palavra, das palavras.

Lajolo (2001, 2018), a literatura, independentemente das novas configurações e formatos que assuma na contemporaneidade, segue desempenhando o trabalho de arrumar em palavras o que, por vezes, encontra-se confuso e desarrumado nas mentes. Além disso, essa recuperação de sentido auxilia, segundo Jover (2007), a recobrar a capacidade imaginativa e de formulação do próprio pensamento, sem atribuir essa incumbência aos meios de comunicação, que manipulam e, com grande eloquência, seduzem por vezes com certo charlatanismo.

Por conta das razões apresentadas, verifica-se que o trabalho com o texto literário, quando feito de forma reflexiva e não apenas focado em exercícios gramaticais, em questionários de verificação de leitura ou em outras atividades elaboradas com fins didáticos e voltadas exclusivamente ao aprendizado de uma língua, contribui para o desenvolvimento de uma inteligência crítica. Dessa forma, como aponta Jover (2007), a educação literária favorece a formação de estudantes conscientes dos problemas existentes no mundo em que se encontram inseridos, algo fundamental para a promoção de transformações sociais, pois é apenas estando conscientes da realidade repleta de injustiças e desigualdades que as pessoas poderão lutar contra esses problemas.

2. A literatura e a formação humana

Muitos estudiosos defendem que a literatura, assim como outras manifestações artísticas, apresenta potencial de interferência na formação humana, Mendoza Fillola (2008, on-line), por exemplo, afirma: “Es cierto que un texto literario puede presuponer (o, en su caso, aportar) conocimientos de amplia y diversificada procedencia, aspecto por el que la lectura literaria resulta especialmente formativa”¹². Em relação a esses conhecimentos diversos que a literatura pode aportar, os quais contribuem para a formação do leitor, décadas antes Barthes (1974, p. 18) já defendia que

La literatura asume muchos saberes. En una novela como Robinson Crusoe hay un saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botánico, antropológico (Robinson pasa de la naturaleza a la cultura). Si, por no sé qué exceso de socialismo o de barbarie, todas nuestras disciplinas debieran ser expulsadas de la enseñanza,

¹² Tradução nossa: “É certo que um texto literário pode pressupor (ou, em seu caso, aportar) conhecimentos de ampla e diversificada procedência, aspecto pelo qual a leitura literária resulta especialmente formativa”.

excepto una, sería la disciplina literaria la que debería ser salvada, porque todas las ciencias están presentes en el monumento literario.¹³

Candido (2004), por sua vez, ao refletir sobre a capacidade de atuar na formação humana afirma que a literatura “[...] pode ter importância equivalente à das formas conscientes de inculcamento intencional, como a educação familiar, grupal ou escolar” (2004, p. 175). Por ter esse grande poder influenciador, alguns docentes podem entender o texto literário como uma espécie de manual de virtude e boa conduta, buscando tornar a literatura um texto instrutivo para o seguimento de convenções sociais, no entanto, “[...] la función formativa de las clases de literatura no ha de buscarse en el pretendido contenido ‘moralizante’ de los textos sino en las elecciones que hagamos y en el punto de vista desde el que las abordamos”. (JOVER, 2007, p. 43)¹⁴.

Mais relevante que focar o trabalho com a literatura no aspecto moralizante que determinado texto literário pode apresentar, é saber fazer escolhas para abordá-lo de maneira crítica, a fim de formar leitores competentes e autônomos, haja vista que a interferência na formação humana propiciada pela literatura se dá, segundo Candido (2004), de modo ambivalente, evidenciando a natureza humana relacionada ao bem e ao mal. O referido autor afirma que

A respeito destes dois lados da literatura, convém lembrar que ela não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração. Isto significa que ela tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade. Por isso, nas mãos do leitor o livro pode ser fator de perturbação e mesmo de risco. (CANDIDO, 2004, p. 175-176).

O texto literário, por possibilitar aos leitores a experimentação de sensações e situações diversas, ainda que vivenciadas apenas no mundo da fantasia, oportuniza a humanização, já que um leitor pode se identificar com determinada personagem, compadecendo-se da dor, tristeza ou angústia por ela sentida, regozijando-se da alegria, felicidade ou conquista por ela lograda, sentindo o medo, a ira ou o ódio por ela

¹³ Tradução nossa: A literatura assume muitos saberes. Em um romance como *Robinson Crusoe*, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, seria a disciplina literária a que deveria ser salva, porque todas as ciências estão presentes no monumento literário.

¹⁴ Tradução nossa: “[...] a função formativa das aulas de literatura não há de se buscar no pretendido conteúdo “moralizante” dos textos, mas sim nas eleições que façamos e no ponto de vista desde o qual as abordamos”.

expresso, compartilhando o desejo de vingança por conta de um sentimento ferido, ou simplesmente provando qualquer outro sentimento humano exposto na obra com a qual esteja em contato. Nas palavras de Jover (2007, p. 45), “[...] es que la literatura nos permite, más allá de las coordenadas espacio temporales en que la obra fuera gestada, en que haya sido ambientada, reconocernos en las vidas de tantos hombres y mujeres cuyos problemas son también los nuestros”.¹⁵

É possível entender, de acordo com a obra de Candido (2004), que o caráter humanizador do texto literário se encontra justamente no fato de que ele não corrompe nem edifica o homem, apenas proporciona aos leitores experienciar, por meio da fantasia, sentimentos bons e ruins, o que evidencia a natureza humana e o aspecto paradoxal da formação proporcionada pela literatura, uma vez que forma de maneira complexa, de modo a transcender regras sociais convencionadas. Por essa razão, alguns “[...] educadores, ao mesmo tempo preconizam e temem o efeito dos textos literários” (CANDIDO, 2004, p. 176).

Não sem razão é esse temor sentido por alguns docentes, pois segundo Jover (2007), viver através da ficção permite que o ser humano explore os limites de sua natureza. A autora menciona ainda que a arte permite que seja decifrado o que cada um carrega dentro de si, inclusive, sentimentos que, não sendo através da arte, algumas pessoas não seriam capazes sequer de elucubrar. Isso porque a arte nos permite sentir tudo, “[...] nos permite descender a los abismos de la miseria humana, explorar otros universos morales, convertirnos por unas horas, impunemente, en el más desaprensivo de los seres o el más sanguinario de los criminales” (JOVER, 2007, p. 46)¹⁶.

Não obstante, esse temor sentido por educadores não deve ser motivo para privar estudantes de terem contato com a literatura, pois, as práticas de leitura literária podem “[...] possibilitar ao aluno a obtenção do contato com uma realidade linguística diferente daquela, que ele está acostumado a vivenciar.” (CAVALCANTE, 2013, p. 296). Além disso, o espaço formal de ensino é o único lugar onde alguns alunos que não têm o incentivo ao hábito da leitura no ambiente familiar podem ter contato com textos literários, e, para Candido, “[...] a literatura concebida no sentido amplo a que me referi

¹⁵ Tradução nossa: “[...] é que a literatura nos permite, mais além das coordenadas espaço-temporais em que a obra fora gestada e tenha sido ambientada, reconhecer-nos nas vidas de tantos homens e mulheres cujos problemas são também os nossos”.

¹⁶ Tradução nossa: “[...] nos permite descer aos abismos da miséria humana, explorar outros universos morais, converter-nos por umas horas, impunemente, no mais inescrupuloso dos seres ou o mais sanguinário dos criminosos”.

parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (2004, p. 176).

Para além de ser entendida como um direito, a literatura atua no desenvolvimento de uma inteligência crítica, contribui para o aprendizado de línguas e influencia na formação e humanização das pessoas, podendo promover transformações individuais e, indiretamente, sociais. Todas essas razões deixam evidente o quão prejudicial pode ser a exclusão da educação literária em sala de aula ou a utilização de textos literários unicamente em prol do trabalho de conteúdos gramaticais, por exemplo.

Nesse sentido, pelo fato de a literatura atuar na formação humana, ainda que de modo ambivalente, sem edificar nem corromper, por apenas evidenciar a natureza humana, dual e contraditória como é, oscilando entre o bem e o mal, entende-se que esse processo de humanização propiciado por ela muito aporta ao desenvolvimento pessoal do estudante, devendo, por essa razão, o texto literário estar presente em sala de aula desde a educação infantil até os níveis mais altos de instrução formal.

3. A literatura e a reconstrução pessoal frente a adversidades

Ainda que existentes apenas na imaginação, as vivências e os vários sentimentos experimentados a partir das leituras literárias feitas enriquecem o conhecimento de mundo, o repertório de vida e a inteligência emocional dos leitores, tornando-os mais preparados para lidar com as adversidades que possam vir a ocorrer, uma vez que já foram capazes de lidar com as mais diversas situações possíveis através da ficção. Justamente por apresentar esse potencial, Petit (2009) defende o poder de reconstrução pessoal que a literatura apresenta, evidenciando que leituras literárias são garantidoras de forças de vida. Para a autora,

[...] a contribuição da leitura para a reconstrução de uma pessoa após uma desilusão amorosa, um luto, uma doença etc. — toda perda que afeta a representação de si mesmo e do sentido da vida — é uma experiência corrente, e numerosos escritores a testemunharam, como Sérgio Pitol em uma entrevista que encontro na noite em que escrevo estas linhas: tendo perdido seu pai, quando era bebê, e logo depois sua mãe, com cinco anos de idade, ele fica gravemente doente; embora não pudesse mais ir à escola, a casa onde sua avó o acolheu era repleta de livros: "Minha avó lia sem parar. E eu apanhava tudo o que me caía nas mãos. [...] Com doze anos, descobri *Guerra e paz* e não fiquei mais doente. Continuo acreditando que Tolstói me salvou" (PETIT, 2009, p. 9)

A partir da perspectiva de Petit (2009), uma obra artística pode trazer vida, esperança, alento e ânimo, fortalecendo as pessoas na medida em que as humaniza. Segundo a autora, tal processo não acontece apenas individualmente quando alguém passa por dificuldades ao ter que lidar com alguma situação adversa. Por vezes, existem problemas que atingem, ao mesmo tempo, um considerável número de pessoas, como foi o caso da crise de 1930 nos Estados Unidos, exemplifica ela, ao mencionar que milhares de norte-americanos recorreram a bibliotecas. Citando Martine Poulain (1993), afirma que “Às vezes, os desempregados buscavam na leitura uma oportunidade de se distanciar do real e de sua própria situação, esperando que ela lhes levasse para 'fora do mundo'.” (POULAIN *apud* PETIT, 2009, p. 10).

Situação de crise semelhante a essa é a que se vive em todo o mundo por conta da pandemia do Coronavírus. Em países nos quais a quarentena tem sido mais rígida, muitas pessoas, privadas da liberdade de ir e vir, tendo que permanecer reclusas em seus lares em isolamento social para preservar a própria vida, estão recorrendo à arte para suportar o fastio de estar só ou de ter que conviver com poucas pessoas e encontrar forças para lidar com as dificuldades financeiras, emocionais e afetivas desencadeadas pelo fato de estarem impedidas de trabalhar e levar uma rotina dentro da normalidade, pois muitos daqueles que seguem podendo deslocar-se para o ambiente laboral, o fazem em uma situação de excepcionalidade.

A busca por ficção e fantasia tem sido tão comum no momento da pandemia do Coronavírus que inclusive estudiosos já estão produzindo registros científicos sobre essa situação. A revista acadêmica *Abusões*, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ –, pretende lançar em 2021 o Dossiê “Ficções e epidemias – paisagens, políticas e catástrofes”, reunindo artigos que abordem não apenas a busca pela literatura e outras manifestações artísticas durante a pandemia, mas também a relação da busca pela arte como entretenimento nesse contexto, a partir de obras relacionadas à temática da pandemia. Na chamada para publicação os organizadores apontam que

É curioso, portanto, que *A peste*, de Albert Camus, datada de 1947, torne-se hoje, em meio ao distanciamento imposto pela covid-19, um tipo de *best-seller*, leitura de entretenimento. Na mesma esteira seguem projetos literários que versam sobre doenças reais ou imaginadas, em contextos históricos ou fictícios, por meio de descrições realistas ou fantasistas, das quais merecem destaque: *Um diário do ano da peste*, de Daniel Defoe; *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago; *O amor nos tempos do cólera*, de Gabriel García Marquez; *O último homem*, de Mary Shelley; *Eu sou a lenda*, de Richard Matheson. No cinema chama a atenção que um filme como *Contágio* (*Contagion*, Steven Soderbergh, 2011) receba o status de

premonitório e tenha se tornado um sucesso repentino nos serviços de *streaming*. (GARCIA; MARKENDORF; PHILIPPOV, 2020, on-line)

É certo que a literatura não é a única manifestação artística buscada durante a crise pandêmica de 2020, juntamente a ela, somam-se os filmes, as *lives* de artistas do meio musical, as séries, os jogos, etc. No entanto, é válido destacar que, nesse período de crise sanitária, política e econômica, a literatura segue cumprindo a função de trazer bem-estar ao ser humano, por satisfazer a necessidade de ficção e fantasia ao mesmo tempo em que o humaniza. Ao cumprir essa função, nota-se que a arte, logo, a literatura, auxilia na atividade psíquica e na manutenção e desenvolvimento da inteligência emocional.

Recorrer à literatura bem como a outras manifestações artísticas em momentos de crises coletivas ou problemas pessoais é uma forma, segundo Petit (2009), de assegurar a atividade de se construir ou se reconstruir, o que pode implicar, conseqüentemente, modificações no meio onde essas pessoas transformadas e reconstruídas se encontram inseridas. Ao expor experiências de trabalhos de mediação cultural desenvolvidos em bairros populares periféricos e espaços rurais da América Latina, ambientes em que as pessoas muitas vezes vivem em condições precárias, Petit (2009, p. 11) esclarece que “[...] sob certas condições, a experiência da leitura poderia ser aplicável em tais contextos, assim como era possível estendê-la para as gerações mais novas, em geral apresentadas como mais resistentes à cultura escrita que aquelas que as antecederam”.

Mesmo em espaços repletos de condições adversas e com jovens que, não poucas vezes, veem a cultura escrita como desinteressante, Petit (2009) destaca como ocorre o processo de (re)construção de si mesmo a partir das atividades de leitura de textos literários escritos, afirmando que ainda que essa prática acontecesse de forma esporádica,

[...] tais processos se davam por meio de apropriações singulares, às vezes até mesmo desviando-se dos textos lidos. Com um senso de descoberta desconcertante, cada um "farejava" o que estava secretamente vinculado com as suas próprias questões, o que lhe permitia escrever sua própria história nas entrelinhas (PETIT, 2009, p. 12).

A mesma autora chama atenção para a maneira como cada um dos leitores se apropria das obras lidas, de modo a relacioná-las com as experiências reais vividas por

eles. Ela destaca que os leitores estavam preocupados em compreender o enredo do texto, contudo, preocupavam-se mais em devanear, em levantar os olhos dos livros e relacionar o lido com o vivido por meio de associações inesperadas, deixando claro a importância da atividade imaginativa proporcionada pela leitura da literatura no processo de se (re)construir no mundo.

Na obra “A arte de ler ou como resistir à adversidade”, Petit (2009) apresenta inúmeros exemplos de como a literatura pode agir na vida dos leitores, contribuindo para que estes enfrentem situações adversas e se (re)construam a partir delas, na medida em que se humanizam. Tendo em vista tais aspectos, defende-se a presença do texto literário no ensino de línguas, em qualquer nível de ensino, pois o impacto positivo que a literatura e a arte de forma geral apresentam na vida das pessoas é grande, uma vez que as tornam mais aptas a lidar com situações adversas e a se (re)construir a partir de tais situações.

De acordo com Bloom (2002), a educação literária possibilita a existência de uma nova cidadania, mas isso só é possível por ela formar, antes disso, um novo modo de ser pessoa, por ser responsável por certa “invenção” do humano. Se mudanças coletivas demandam mudanças individuais e a literatura é capaz de auxiliar nessa transformação individual, não há porque não defender o uso de textos literários em ambientes formais de ensino com o intuito de tentar promover a transformação das sociedades atuais em espaços de convivências mais harmoniosos.

Considerações Finais

As reflexões apresentadas relacionadas à literatura e ao ensino de línguas reiteram a necessidade da educação literária nas aulas de línguas por causa do potencial de contribuição que o texto literário apresenta para a vida dos estudantes e das pessoas de maneira geral. Se o fato de a literatura auxiliar no ensino de idiomas já era motivo para que textos literários fossem trabalhados em todos os níveis de escolarização, quando se compreende que as contribuições que ela pode trazer vão muito além disso, torna-se fundamental defender a educação literária.

Ao falar sobre produção literária em entrevista concedida ao jornal El País, o escritor Ferreira Gullar (2007, on-line) afirma que a literatura

[...] ya cumple un en sí misma una función social, crea un mundo imaginario. La literatura existe porque la vida no basta. A pesar existen las galaxias y el sistema solar y el planeta tierra, Van Gogh pinta La noche estrellada y amplía nuestro conocimiento del mundo.¹⁷

Defendendo a mesma linha de raciocínio de Ferreira Gullar (2007), de que a literatura e a arte ampliam o conhecimento de mundo, estão diversos autores convocados por este estudo, Candido (2004, 2009), Cavalcante (2013), Petit (2009), Jover (2007), Colomer (1996), Barthes (1974), Mendoza Fillola (2008) e outros. Como defende Candido (2004), a literatura é um direito, assim, essa é uma discussão ainda necessária, pois muitas pessoas, até mesmo estudantes no ambiente formal de ensino, não têm acesso a ela e, segundo o autor, é um equívoco privá-las desse direito, pois “[...] talvez não haja equilíbrio social sem a literatura” (CANDIDO, 2004, p. 175).

É certo que a necessidade de ficção e fantasia pode ser suprida através de outras formas de manifestações artísticas, principalmente as que estão em voga diante dos recursos tecnológicos dos quais hoje a sociedade dispõe, como séries, filmes, jogos, etc., contudo, de acordo com Delgado Guzmán,

[...] la tecnología, aunque representa un avance para la sociedad, genera un retroceso en la capacidad que tiene el ser humano para indagar, leer, reflexionar y criticar la información que se consulta. Los estudiantes al poder acceder a la ficción y a innumerables series audiovisuales, que modelan sus conductas y formas de actuar, han dejado estancada su imaginación, [...] (2017, p. 22)¹⁸.

Nessa mesma linha de raciocínio, Jover (2007) afirma que a literatura é necessária por ser capaz de atuar no desenvolvimento de uma inteligência crítica, uma vez que devolve o sentido das palavras, perdido justamente no “ruído” produzido pelos meios de comunicação e recursos tecnológicos que conseguiram se apoderar da capacidade imaginativa e de formulação do pensamento crítico de muitas pessoas.

Defende-se o trabalho com o texto literário nas aulas de línguas, pois, em muitas situações, o ambiente formal de ensino é o único espaço em que estudantes podem ter contato com a literatura. Além disso, “[...] ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade” (CANDIDO, 2004, p. 175); atua

¹⁷ Tradução nossa: [...] já cumpre em si mesma uma função social, cria um mundo imaginário. A literatura existe porque a vida não basta. A pesar de que existem galáxias e o sistema solar e o planeta Terra, Van Gogh pinta *A noite estrellada* e amplia nosso conhecimento de mundo.

¹⁸ Tradução nossa: [...] a tecnologia, ainda que represente um avanço para a sociedade, gera um retrocesso na capacidade que tem o ser humano para indagar, ler, refletir sobre e criticar a informação que se consulta. Os estudantes, ao poder acessar a ficção e a inumeráveis séries audiovisuais, que modelam suas condutas e formas de agir, deixaram estancada sua imaginação, [...].

em sua formação e auxilia também na (re)construção pessoal frente a adversidades (PETIT, 2009), o que evidencia as contribuições que a literatura é capaz de aportar.

Nesse sentido, se a educação literária além de contribuir para o aprendizado e bom uso de uma língua, desenvolve também uma inteligência crítica, humaniza, atua frente a (re)construção pessoal em momentos de adversidades e age na formação das pessoas, entende-se que ela é capaz de promover a existência de cidadãos conscientes, menos preconceituosos, mais racionais e humanizados. Logo, a literatura enquanto fonte de satisfação, como também de crescimento individual e social é indispensável para a construção de uma nova cidadania que seja mais coerente, democrática e solidária que a atual (JOVER, 2007).

Um modelo de sociedade em que pessoas convivam de modo harmonioso é o aspirado por grande parte da população. Para que este anseio se concretize, faz-se necessária, como aponta Jover (2007), a construção de uma nova cidadania. A desconstrução de desigualdades entre homens, mulheres e a comunidade LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, *Queer*, Intersexo, Assexual e outros grupos), a inclusão e a paridade, a consciência da limitação dos recursos naturais, a extinção do racismo, da xenofobia e do etnocentrismo como também das injustiças no que se refere à distribuição de renda são características demandadas por essa nova cidadania. Portanto, a educação literária deve acontecer em todos os níveis de ensino formal, pois ela colabora para o desenvolvimento pessoal, e são seres humanos críticos, inteligentes, humanizados, conscientes e autônomos os que se fazem e se farão responsáveis pela construção de uma cidadania mais coerente.

Referências

ALMANSA MONGUILOT, Ana María. La literatura española en un currículo de lengua extranjera. Algunas reflexiones. *Mosaico*, n. 3, p. 4-9, 1999.

BARTHES, Roland. *El Placer del texto*. Buenos Aires: Siglo XXI Argentina Editores, 1974.

BLOOM, Harold. *Shakespeare*. La invención de lo humano. Barcelona: Anagrama, 2002.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos 1750-1880*. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2009.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Antonio Candido. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro Sobre Azul, 2004; p. 169-191.

CAVALCANTE, Marcilene da Silva Nascimento. Literatura: um estudo sobre as concepções dos estudantes e professores do ensino médio na fronteira Brasil-Peru. In: *Anais do 2º encontro de Diálogos Literários: um olhar para a diversidade*. Campo Mourão: UNESPAR/FECILCAM, 2013. Disponível em: <<https://dialogosliterarios.files.wordpress.com/2013/12/84.pdf>> Acesso em: 18 nov. 2020.

COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. *Enseñar a Leer, Enseñar a Comprender*. Madrid: Celeste, 1996.

DELGADO GUZMÁN, Yenni Rosalba. *La literatura: concepciones e implicaciones de su enseñanza en la escuela primaria, institución educativa departamental Carmen de Carupa, sede Antonio Nariño*. 2017. 102f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura en Educación Básica con énfasis en Humanidades y Lengua Castellana) – Universidad Santo Tomás, Chiquinquirá, 2017.

GARCIA, Flavio; MARKENDORF, Marcio; PHILIPPOV, Renata. Chamada para publicação (2021). In: *Revista Abusões*. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/abusoes/announcement/view/1092>>. Acesso em: 02 jul. 2020.

GULLAR, Ferreira. La literatura existe porque la vida no basta. [Entrevista concedida a] Daniel Salgado. *El país*. Santiago de Compostela, on-line, 4 jun. 2007. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2007/06/04/galicia/1180952304_850215.html>. Acesso em: 08 jul. 2020.

JOUINI, Khemais. El texto literario en la clase de español como lengua extranjera: propuestas y modelos. *UsoÍkala*, revista de lenguaje y cultura. On-line, v. 13, n. 20, p. 121-159, Julio-Diciembre, 2008. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=255020456005>>. Acesso em: 2 fev. 2019.

JOVER, Guadalupe. *Un mundo por leer*. Educación, adolescentes y literatura. Barcelona: Octaedro, 2007.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores & leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: ontem, hoje, amanhã*. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2018. *E-book*. Paginação irregular.

MENDOZA FILLOLA, Antonio. *La educación literaria: bases para la formación de la competencia lecto-literaria*. Alicante: Biblioteca Virtual de Miguel de Cervantes, 2008. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/la-educacin-literaria---bases-para-la-formacin-de-la-competencia-lectoliteraria-0/html/01e1d59a-82b2-11df-acc7-002185ce6064_2.html#I_1_>. Acesso em: 06 dez. 2020.

MILREU, Isis. O ensino de literaturas hispânicas na contemporaneidade: desafios e perspectivas. In: CLÍMACO, Adriana Ortega; MILREU, Isis; ORTEGA, Raquel da Silva. (Org.). *Ensino de literaturas hispânicas: reflexões, propostas e relatos*. 1. ed. Campina Grande: EDUFCG, 2018, p. 83-111.

PETIT, Michèle. *A arte de ler – ou como resistir à adversidade*. Tradução Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.

POULAIN, Martine. Les publics dès bibliothèques. In: POULAIN, Martine (Org.). *Lire en France aujourd'hui*. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie, 1993.

SANTOS, Ana Cristina dos. Didática da literatura no ensino de E/LE: teoria e prática. *Anais do V Congresso Brasileiro de Hispanistas*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009, p. 2288-2296. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/6677029-Didatica-da-literatura-no-ensino-de-e-le-teoria-e-pratica.html>>. Acesso em: 28 out. 2020.

VARGAS LLOSA, Mario. *La verdad de las mentiras*. 1. ed. Barcelona: Seix Barral Biblioteca Breve, 1990.